

Memória radioativa: diálogos entre ficção e realidade em narrativas sobre o acidente com o Césio 137 em Goiânia

Isaias Martins de Souza*

Submissão: 02/04/2014

Aceite: 29/5/2014

Resumo: Sabendo que a Literatura, a História e o Jornalismo têm como fonte a realidade, de onde extraem a substância para os mais variados modos de narrar, este trabalho tem por objetivo identificar pontos de aproximação e distanciamento entre estas três áreas. Pela análise de duas obras de gêneros estéticos diferentes, mas que abordam o mesmo tema (o acidente radiológico com o Césio-137, ocorrido em Goiânia em setembro de 1987), pretende-se discutir os intercruzamentos possíveis entre elas ao promoverem uma recuperação de memórias coletivas e individuais, bem como observar como estas memórias são filtradas via literatura e via jornalismo. As obras que compõem o *corpus* do trabalho são: *A menina que comeu césio*, romance-reportagem, do repórter-escritor Fernando Pinto e *Sobreviventes do Césio: 20 anos depois*, obra de caráter historiográfico da jornalista Carla Lacerda. Para um embasamento teórico adequado recorremo-nos a teóricos e críticos dessas três áreas do saber.

Palavras-chave: Literatura, História, Jornalismo, Memória, Césio-137.

Abstract: Knowing that Literature, History and Journalism have the reality as a source and where the substance extracted for various modes of narration, this paper aims to identify the points approaching and distancing these three areas. By the analysis of two different genres aesthetic, but addressing the same theme (the radiological accident in Goiania Cesium -137 in September 1987), This work also wants to discuss the possible intersections between them and to promote the recovery of the collective and individual memories. It also wants to observe how these memories are filtered through literature and journalism. The works that make up the corpus of work are: *A menina que comeu césio*, romance report written by the reporter and writer Fernando Pinto and *Sobreviventes do césio: 20 anos depois*, by journalist Carla Lacerda, this a historiographical work. For a proper theoretical background, we refer to theorist and critic of these three areas of knowledge.

Keywords: Literatura, History, Journalism, Memory, Cesium-137.

Abstracto: Sabiendo que la Literatura, Historia y Periodismo provienen de la realidad, de donde extraen la sustancia para varios modos de narración, este trabajo tiene como objetivo identificar los puntos de enfoque y la distancia entre estas tres áreas. Para el análisis de dos obras de diferentes géneros estéticos, sino que la dirección del mismo tema (el accidente radiológico con Cesio- 137 en Goiania se produjo en septiembre de 1987), tiene como objetivo discutir los posibles entrecruzamientos entre ellos para promover la recuperación de los recuerdos colectiva e individual, así como observar cómo estos recuerdos se filtran por medio de la literatura y el periodismo a través. Las obras que conforman el *corpus* del trabajo son: *A menina que comeu césio*, romance informe, del reportero y escritor Fernando Pinto y *Sobreviventes do Césio: 20 anos depois*, de la periodista Carla Lacerda, obra de carácter historiográfico. Para un marco teórico adecuado recorreremos a los teóricos y críticos de estas tres áreas de conocimiento.

Palabras clave: Literatura, Historia, Periodismo, Memoria, cesio - 137.

* Graduado em Letras pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Pós-graduado em História Cultural: *Imaginário, identidades e narrativas* pela Faculdade de História da UFG. Discente do programa de mestrado interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (UEG). Correio eletrônico: isaias.msouza@hotmail.com

Introdução

Considerando a intensa discussão que se tem feito nas últimas décadas sobre as relações possíveis entre Literatura, História e Jornalismo, por meio de estudos interdisciplinares, pretende-se aqui identificar aproximações e distanciamentos entre duas obras que buscam uma recuperação de memórias (coletivas e individuais) sobre o acidente radiológico com o Césio-137, ocorrido em Goiânia no segundo domingo de setembro de 1987, bem como os liames entre memória filtrada via literatura e memória filtrada via jornalismo.

O *corpus* definido para este trabalho consiste do romance-reportagem *A menina que comeu Césio*, do repórter-escritor Fernando Pinto, publicada em 1987. O autor, apoiando-se nas experiências vividas ao cobrir o acidente radiológico em Goiânia e em pesquisas adicionais, como repórter do *Correio Braziliense*, elabora esse gênero fronteiro, constituído por fatos e emoldurado pela ficção. A segunda obra é *Sobreviventes do Césio: 20 anos depois*, da jornalista Carla Lacerda, publicada em 2007. Carla Lacerda, a partir dos relatos de vinte sobreviventes do acidente, elabora um livro para registrar historicamente essas memórias de vinte anos atrás.

A fim de substanciar a análise aqui proposta, buscou-se trabalhos que pudessem apresentar informações teóricas sobre os aspectos estruturante dos discursos literário e jornalístico. Além do mais, são elencados autores que dialogam com uma proposta de investigação interdisciplinar da narrativa e o caráter relativo das lembranças, aproximando, assim, dos pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural. Como a reflexão não recai meramente sobre elementos técnicos de uma narrativa, mas sim sobre o desafiante trabalho de recuperar memórias, tentaremos demonstrar as falhas e contradições que ocorrem ao longo desse processo.

Tais problemas ocorrem porque “a ‘matéria-prima’ da recordação não aflora em estado puro na linguagem do falante que lembra; ela é tratada, às vezes estilizada, pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo em que o sujeito está situado” (BARTLETT *apud* BOSI, 2007, p. 64). Assim, aquele que recorre à sua memória o faz atentando-se para detalhes que em outros relatos não figuraram e, ao mesmo tempo, promovendo apagamentos (parciais ou totais) de tantos outros detalhes. A história que ora se conta não é fruto de um *reviver*, mas

sim de um *refazer*, logo, passível de contradições surpreendentes. Parafraseando Ecléa Bosi, pode-se dizer que *não se conta duas vezes a mesma história, ou seja, não se conta da mesma maneira uma história.*

Na fronteira entre ficções e reportagens

As produções: literária e histórica, não raramente, são temas de pertinazes debates que procuram discutir os limites, por vezes muito tênues, entre um campo do saber e outro. Decidindo não adentrar as veredas da radicalidade que procuram apresentar a ficção e a historiografia como possibilidades excludentes, quando do tratamento dos mesmos temas, pretende-se destacar aqui, numa perspectiva interdisciplinar e por meio de análise desapegada de preconceitos (no sentido pejorativo do vocábulo), que é possível identificar correlações inevitáveis e riquíssimas entre ambas.

Embora tal interpenetração tenha sido, nas últimas décadas, ressaltada por estudiosos dos dois campos do saber, o crítico literário Antoine de Compagnon, chama a atenção para se lançar um olhar ao passado. Ele destaca uma reflexão que fora publicada em 1862 no *Journal des Goncourt*: “A história é um romance que foi; o romance é a história que poderia ter sido” (COMPAGNON, 2006, p. 223). Esse mesmo autor, afirma que “A história é uma construção” narrativa, por isso “faz parte da literatura” e assevera que “A objetividade ou a transcendência da história é uma miragem pois o historiador está engajado nos discursos através dos quais ele constrói o objeto histórico” (idem).

Ao debater *Literatura e história na América Latina*, o crítico Alfredo Bosi afirma ser inevitável a aproximação entre a narrativa literária e a histórica, uma vez que os elementos estruturais desta são a todo momento utilizados por aquela. Ele destaca que “Tanto a prosa do historiador quanto a prosa do narrador têm que se valer dos signos, têm que se valer das metáforas, têm que se valer daquilo que há de mais profundo e primeiro, que é o próprio uso da linguagem. Daí, a distinção e a união” (BOSI, 2001, p. 138).

Reforçando o mesmo entendimento, Antonio Candido, trata, em *Literatura e sociedade* das convergências entre Literatura e História, entre outras interdisciplinaridades. Exemplificando com a epopeia *Caramuru*, o crítico mostra como o contexto histórico fora tratado em seu interior, com mais, ou menos, fidelidade. Antonio Candido alerta que, seja a análise da obra ou do contexto ao qual ela se refere, não pode ser feita dissociadamente, mas

sim buscando a fusão entre o texto e o contexto. Sobre a cisão entre Literatura e Sociologia, bem como entre aquela e a Antropologia ou a História o autor afirma que

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra [...] Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social [bem como o histórico]) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno* (CANDIDO, 2006, p. 13-14).

É oportuno destacar que posicionamento semelhante pode ser notado por parte de historiadores, como se nota na afirmação revolucionária do historiador estadunidense Hayden White, ele diz que “os historiadores se valeriam das mesmas estratégias tropológicas das narrativas usadas pelos romancistas ou poetas: metáfora, metonímia, ironia, sinédoque” (WHITE *apud* PESAVENTO, 2003, p. 35).

A recuperação de memórias a partir dessa ótica interdisciplinar torna-se relevante, na medida em que se considera que uma narrativa literária metaficcional tem sempre como referência básica acontecimentos históricos, ao passo que uma narrativa histórica apresenta (muito ou pouco) marcas de subjetividade ou comprometimentos ideológicos. Os ares de historicidade na produção literária também se justifica quando se observa que o autor de uma metaficção historiográfica, quase sempre, inevitavelmente, evoca sua experiência pessoal para corroborar as justificativas que operam a favor da verossimilhança. A professora Júnia Regina de Faria Barreto, pesquisadora da obra do escritor francês Victor Hugo, a respeito do diálogo entre Literatura e História, na obra desse escritor, destaca que

A literatura e o real interpenetram-se [...] [e] o processo da escritura do texto é desencadeado a partir de algumas experiências vividas na própria realidade do autor e transpostas para a pretensa realidade da ficção, colocando o tempo e a linguagem da narrativa ao serviço desse contexto (BARRETO, 2010, p. 36, 40-41).

Didático é também o trabalho elaborado pelo professor Eliézer Cardoso de Oliveira que, fazendo uso das teorias e metodologias da História Cultural, elabora *Estética da Catástrofe: Cultura e Sensibilidades*. Nesse trabalho o autor discute como a catástrofe com o Césio-137 acabou gerando a produção de variados trabalhos artísticos e de grande beleza estética. Em um dos capítulos, “Romance-catástrofe: quando o horror excita”, o autor utiliza

como exemplo, inclusive, o romance *A menina que comeu césio*, do repórter-jornalista Fernando Pinto. A propósito do intercruzamento entre literatura e história o professor Eliézer Cardoso de Oliveira afirma que

A grande especificidade das obras sobre catástrofe é o fato de trabalharem um acontecimento histórico sob a forma de ficção. Neste sentido, elas não são nem História, nem ficção pura: estão no meio caminho entre ambas [...] (CARDOSO, 2008, p. 57 - 58).

Nas duas obras analisadas neste artigo (o romance-reportagem de Fernando Pinto e as vinte entrevistas feitas pela jornalista Carla Lacerda) percebe-se que a abordagem histórica do acidente radiológico com o Césio-137 ocorre a partir de uma perspectiva das *sensibilidades*. Esse enfoque, muito caro à História Cultural, é marcado por se voltar para as histórias individuais, as sensações, emoções e subjetividades das pessoas (principalmente as subalternas). Segundo Sandra Jathay Pesavento,

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, idéias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que essa tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos (PESAVENTO, 2003, p. 57).

Dessa forma, o maior acidente radiológico urbano do mundo é apresentado, nessas narrativas, pelos olhares desses indivíduos e não a partir de uma abordagem generalizante.

A menina que comeu césio

A análise que se propõe, ainda que panorâmica, do romance-reportagem, *A menina que comeu césio*, do repórter-escritor Fernando Pinto, não apresenta qualquer exclusão entre os dois discursos que o estrutura, pelo contrário, tendo como pressuposto a interdisciplinaridade proposta pela História Cultural, o foco centra-se na linguagem, ou melhor, no diálogo criado pelo discurso literário e pelo jornalístico.

Para tanto, tonam-se indispensáveis as reflexões sobre esse encontro, elaboradas pelo professor Rildo Cosson, ao destacar que

É preciso, então, que se leia e se critique o romance-reportagem a partir do que ele é: o resultado do encontro de dois discursos distintos, o literário e o jornalístico, ou talvez, até com maior propriedade, o produto de fronteiras e de paralelos que, em uma fusão particular, confirma sua especificidade de gênero narrativo independente ao declarar-se diferente do jornalismo e da literatura pelas semelhanças que cultiva com o romance e com a reportagem (COSSON, 2001, p. 80-81).

Pela mesma ótica, observa a ambiguidade do gênero, Neila Bianchin em *Romance-reportagem: onde a semelhança não é mera coincidência*: “Ambíguo porque, partindo da reportagem, ele se faz romance. Feito romance, ele não perde a condição de ser também reportagem” (BIANCHIN, 1997, p. 136).

Crê-se conveniente observarmos que esse gênero fronteiroço nasce no cenário cultural brasileiro a partir de algumas influências que reportam à década de 1960, tendo o seu apogeu na década seguinte. Para não nos determos em demasia nessa observação, cumpre destacar apenas que, por um lado, o romance-reportagem, recebe influência direta do romance de não-ficção, que, por sua vez era a expressão da proposta do Novo Jornalismo norte-americano. Sobre essa justificativa para o surgimento do romance-reportagem observa Rildo Cosson: “Tal explicação vê no romance-reportagem o resultado da adoção de um modelo literário norte-americano, mais precisamente o romance de não-ficção (*nonfiction novel*), o qual teria sido inaugurado nos Estados Unidos por Truman Capote” (2001, p.18).

O Novo Jornalismo consistia em alargar os limites do texto jornalístico a fim de alcançar vários aspectos próprios da narrativa literária. O marco inicial é estabelecido pelo escritor Truman Capote, ao lançar em 1966 *In cold blood* (A sangue frio), romance não-ficcional sobre o assassinato brutal de toda uma família nos Estados Unidos.

Por outro lado, vale ressaltar que estudiosos do romance-reportagem apontam a censura imposta pelo Golpe Militar de 1964 como responsável pela consolidação desse gênero, como afirma Neila Bianchin:

O aprisionamento da imprensa levou muitos escritores e também jornalistas e usarem a literatura, menos vigiada, como válvula de escape.

[...]

Inúmeros foram os romances e contos editados na década de 1970 que tentaram, de uma forma ou de outra, contar a história que estava sendo sonogada (1997, p. 30).

Embora seja possível identificar outras explicações para o surgimento e consolidação do romance-reportagem, não vemos como imprescindível apresentá-las nesse artigo. Prossigamos assim, à análise da obra do repórter-escritor Fernando Pinto.

Primeiramente, observemos que a literalidade no romance-reportagem em estudo, faz com que as informações factuais possam ser colocadas em dúvidas pelo leitor, pois, mesmo que o *que* se enuncia seja um fato real, o *como é feito*, é fictício. Assim, a fidelidade histórica é estremecida, na medida em que o narrador se mostra *onisciente*, *intruso* e, não poucas vezes, faz uso das variadas *figuras de linguagem* e da *linguagem coloquial*, com fortes marcas da oralidade, além do mais, nota-se o *discurso indireto-livre* em vários momentos. Observemos alguns excertos capazes de ilustrar os aspectos mencionados e que são usuais no texto literário.

Vemos um narrador *onisciente* e uma *linguagem coloquial*, quando da exteriorização do pensamento da personagem Betão, ao encontrar a cápsula de cobre que continha o Césio-137: “E foi em Wagner que ele [Betão] estava ~~pensando~~ ao deixar o interior do labirinto fedorento, retirando-se quase num pulo só” (PINTO, 1987, p. 16, grifo nosso). *Onisciência* e *intrusão* do narrador ao opinar sobre a masculinidade de Betão, pelo fato de ele nunca ter sido visto com uma namorada: “Não que ele não fosse macho, nada disso. Bastava olhar para se ter certeza que não tinha cara de viado” (ibidem, p. 27). E ainda quando descreve os primeiros sintomas da contaminação com o Césio-137, em Wagner: “Cada vez que Wagner se sentava na tábua do vaso sanitário, sentia a impressão de estar esvaindo-se em líquido pastoso. E a cada vômito ralo, esverdeado, era como se estivesse vomitando a própria alma pela boca” (ibidem, p. 28). Ao destacar a devoção da esposa e Devair, Maria Gabriela (que possui o mesmo nome da mãe): “Aquilo sim é que era mulher de verdade, versão goiana da Amélia do samba carioca” (ibidem, p. 37). Revelando o pensamento de dona Maria Gabriela (sogra de Devair) sobre o mal-estar que sentiu: “No jantar, também não se sentia lá muito católica, o corpo doendo, cabeça um tanto pesada, indisposição geral. ‘Isso é coisa de velha’, pensou, arranjando uma boa desculpa para si mesma” (ibidem, p. 44).

O uso do *indireto-livre* pode ser notado em vários capítulos do referido romance-reportagem, e, não poucas vezes, há uma fusão das vozes do narrador com a da personagem. As vozes do narrador e de dona Maria Gabriela (sogra de Devair), quando esta analisava a filha e genro doentes, mesclam-se livremente: “Observando melhor, percebeu olheiras profundas no rosto do casal, a pele dando a impressão que estava ressecada. *Será que os dois*

se resfriaram? Ela estava ali de passagem [...]” (ibidem, p. 44, grifo nosso). Ou uma mescla mais amalgamada ainda, quando se narra que Devair percebe sua queda de cabelos, fazendo com que o leitor hesite sobre quem irrompe a falar:

Devair arrancou uns fios de cabelo da cabeça com a maior facilidade e exibiu-os diante dos olhos arregalados de Gabriela [sua esposa]. *Que desgraça seria aquela, meu Deus?* Parecia coisa do demônio. E por isso mesmo não podia curar uma doença assim com chá de boldo e receitas do cada vez-mais preocupado farmacêutico (ibidem, p. 96, grifo nosso).

O autor também lança mão de *figuras de linguagem*, o que conferirá mais subjetividade à narrativa. Vejamos a comparação utilizada no título do capítulo 11: “Se o acampamento se assemelhava a um purgatório, a enfermaria do hospital parecia o inferno...” (ibidem, p. 115), ou ainda, quando Selma começa a receber cartas de Wagner, seu esposo: “Para Selma, as esperanças renasciam como a grama do cerrado e as flores roxo-avermelhadas dos flamboyants de sua cidade, principalmente quando começaram a chegar cartas de seu marido” (ibidem, p. 133). É possível notar ainda um eufemismo no relato da morte de Maria Gabriela (esposa de Devair) e uma atmosfera poética ao se apresentar a reação de seu esposo:

Sexta-feira, 23 de outubro, 11 horas e 55 minutos. Maria Gabriela das Graças Ferreira acaba de dar o *último suspiro para a vida*.
[...]
O ar condicionado se torna mais frio. A imagem de uma mulher de cabelos lisos e longos fica congelada no tempo (ibidem, p. 141, grifos nossos).

Por outro lado, e para não analisarmos unilateralmente um texto que essencialmente é duplo, vale destacar que o autor apresenta elementos próprios da reportagem, com o objetivo, paradoxalmente, de escamotear a subjetividade do texto.

Para tanto, Fernando Pinto retira da realidade *factual* os fatos que pretende narrar, e não os retira das manchetes de jornais, mas sim de pesquisa *in loco*, cobrindo o acidente radioativo com o Césio-137 e tece uma narrativa que flui pela voz de um *autor-narrador-testemunha*. Isto posto, é oportuno citar o que diz João Arnolfo Carvalho de Oliveira, ex-chefe de Fernando Pinto no Correio Braziliense, no prefácio do referido romance-reportagem: “As

situações descritas, as frases reproduzidas e as informações que formam este trabalho de repórter-escritor refletem fielmente as dezenas de horas gravadas com os depoimentos colhidos em Goiânia e no Rio” (ibidem, p. 12).

Essa *factuality* toma corpo na medida em que o autor deixa aparecer abundantes informações verificáveis pelo leitor. O primeiro capítulo é iniciado fazendo menção ao dia do acidente com o Césio-137, ao local e ao nome completo da personagem Betão:

Já passava do meio-dia de domingo, 13 de setembro, quando ele se aproximou cautelosamente da casa abandonada de paredes amareladas, situada no vértice descampado das avenidas Paranaíba e Tocantins [...] Roberto Santos Alves era mais conhecido na rua 57 pelo apelativo Betão [...] (ibidem, p. 15).

Ou ainda a apresentação detalhada de Wagner, companheiro de Betão, no momento em que fora chamado para ajudar o amigo a pegar a cápsula com o material radioativo:

Wagner Mota Pereira ajudava um pintor profissional a dar a última mão de tinta num dos barracos situados no nº 179 da rua 63, propriedade de seu sogrão Virgílio, um goiano desempenado de quase 80 anos. O velho era pai adotivo de Selma, sua mulher [...] (ibidem, p. 16).

Essa personagem tem suas informações básicas captadas do prontuário de internação de Wagner, pelo repórter, e implantadas na narrativa para torná-la mais verossímil:

Na noite daquela quarta-feira, 23 de setembro, Selma Tereza internou o marido no Hospital Santa Catarina. Na porta, as formalidades de praxe – Nome: Wagner Mota Pereira. Idade: dezenove anos. Estado Civil: casado. Profissão: motorista profissional (Selma se orgulhava disso) (ibidem, p. 55).

Assim, cada personagem vai sendo caracterizada de forma correspondente com a sua vida real, informações como: nomes, idades, profissões, endereços... são todos mantidos como numa pesquisa que se pretende histórica e não narrativa ficcional.

Entre outras estratégias para conferir veracidade ao narrado, Fernando Pinto apresenta ao leitor as autoridades políticas e médicas da época, e que podem ser identificadas historicamente:

A Secretaria de Saúde parecia uma praça de guerra, com o *secretário Antonio Faleiros* quase arrancando os cabelos de desespero depois do contato telefônico com a Comissão Nacional de Energia Nuclear, no Rio de Janeiro. O homem do outro lado da linha era a maior autoridade do País no assunto, diretor de Instalações Nucleares daquele órgão, *professor PhD José de Júlio Rosental* (ibidem, p. 106-107).

E ainda, “Adiantar o expediente era o mínimo que Antônio Faleiros pretendia fazer. Depois de estragar o dia do governador Henrique Santillo [...]” (ibidem, p. 107).

Não estamos a nos fiar nessas menções para afirmar que o romance-reportagem é uma narrativa puramente histórica, se assim o fizéssemos, incorreríamos em contradição com o que afirmamos no início dessa análise. Conforme afirma Antonio Candido, “O romancista é incapaz de reproduzir a vida, seja na singularidade dos indivíduos, seja na coletividade dos grupos” (CANDIDO, 1987, p. 67). Contudo, tais apontamentos servem para reforçar os intercruzamentos entre o real e o ficcional.

Sabemos também que essas informações, principalmente as que se referem às pessoas, obtidas por meio de pesquisas jornalísticas, não seriam suficientes para convencer o leitor de que a narrativa é, automaticamente, a reprodução do que ocorrera. Daí porque, Rildo Cosson afirmar

que toda a verdade do romance-reportagem, apesar de estar indubitavelmente amparada em fatos acontecidos, constrói-se, no nível do discurso, pelo princípio da verossimilhança, isto é, ao ser passada da condição de fato à de discurso, a verdade factual é mimetizada e, de veraz, transforma-se antes de tudo em verossímil (COSSON, 2001, p. 41-42).

Deste modo, é preciso que o autor vá além da apresentação de elementos extraídos da realidades para compor personagens e situações realistas, como destaca E. M. Forster, em *Aspectos do romance*, “Elas [as personagens] não são reais porque se parecem conosco (embora talvez se pareçam, de fato), e sim porque são convincentes” (FORSTER, 2005, p. 86), o mesmo poderia se afirmar das situações. Além do trabalho de convencimento (por meio da verossimilhança) que o autor deve fazer, há o fundamental papel do leitor “que aceita o pacto narrativo proposto no qual, pelo menos para efeito de leitura, é conforme ao real o mundo que a obra descreve” (COSSON, 2001, p. 39).

Sobreviventes do césio: 20 anos depois

Um processo que vai em direção oposta ao tom literário empregado no romance-reportagem (ou pelo menos se tenta) ocorre em *Sobreviventes do césio: 20 anos depois*. A reportagem de Carla Lacerda busca registrar de forma neutra os depoimentos dos sobreviventes da catástrofe com o Césio-137. Entretanto, por mais que se dedique a tal intento, é possível perceber, nas escolhas dos vocábulos para tecer a narrativa, marcas de personalidade da autora, que empreende, ainda que sutilmente, uma defesa destas vítimas em relação à indiferença governamental. Além do mais, ao estabelecermos um confronto dos depoimentos, sobre um mesmo episódio, contradições aparecem, colocando mais uma vez a pretensa verdade dos fatos em dúvida.

Cremos ser forçado pensar a reportagem como a apresentação da verdade sobre determinado evento, seja subsidiada por provas documentais ou por depoimentos dos que participaram do acontecido em questão. Pelo contrário, não raras vezes um trabalho extenso de pesquisa jornalística pode culminar, contraditoriamente, numa narrativa que molda-se mais como ficcional do que como histórica. Ao teorizar sobre a linguagem jornalística, em *Notícias do fantástico: jogos de linguagem na comunicação jornalística*, Luiz Gonzaga Motta destaca aquilo que coopera para que um trabalho jornalístico apresente, em muitos casos, a ficcionalização mencionada:

Ademais de descrever que algo ocorre no mundo, as notícias [bem como as reportagens] seduzem, afirmam ou negam algo, podem nomear, esclarecer, analisar, comparar, atribuir funções e prioridades, dar ênfases, convocar, ameaçar, prevenir, ironizar, debochar, fazer rir, criticar julgar e outras tarefas infinitas que se cumprem no ato de comunicação jornalística: realizam algo que pode estar expresso ou implícito nos enunciados, constituindo a sua dimensão pragmática (MOTTA, 2006, p. 21).

Ao analisarmos essa narrativa jornalística de intenção historiográfica é preciso considerar que a própria ambiguidade dos acontecimentos, enquanto significados, necessitam de observação meticulosa, por isso afirmou Motta que

[...] Apesar do esforço dos jornalistas a linguagem jornalísticas, pela própria natureza da linguagem dramática do jornalismo, estará sempre descrevendo objetividades concretas por um lado, enquanto por outro

revela intenções implícitas e sugere subjetividades que conduzem a ambíguas apreensões do real (ibidem p. 49).

Logo, por mais que vise a objetividade e fidelidade na recuperação das memórias, a narrativa que nasce dos depoimentos é tecida como uma releitura de uma narrativa passada. Neste momento, percebe-se que ocorre uma seleção de imagens a serem apresentadas em cada resposta ou explicação, tal escolha pode se dar de modo consciente ou inconsciente, e essa distinção talvez não fique perceptível à entrevistadora-jornalista, com espírito de historiadora.

Considerando que *Sobreviventes do césio: 20 anos depois* foi fruto de pesquisas em instituições e entrevistas com pessoas afetadas pelo acidente com o Césio-137 e tem por objetivo “reconstruir a história”, como destaca a autora Carla Lacerda, podemos afirmar que é uma narrativa que se quer historiográfica. Assim sendo, podemos somar às observações teóricas já apresentadas, algumas que têm sido utilizadas no âmbito da pesquisa histórica. É importante lembrarmos que o historiador é um homem do tempo presente, logo, do futuro, em relação ao que se pesquisa, está impregnado de história, e esta, influencia seu pensar, seu olhar, seu selecionar, enfim, seu tramar.

Para este [o historiador] também se coloca a meta ideal de refazer, no discurso presente, acontecimentos pretéritos, o que, a rigor, exigiria se tirassem dos túmulos todos os que agiram ou testemunharam os fatos a serem evocados. Posto o limite fatal que o tempo impõe ao historiador, não lhe resta senão *reconstruir*, no que lhe for possível, a fisionomia dos acontecimentos. Neste esforço exerce um papel condicionante todo o conjunto de noções presentes que, involuntariamente, nos obriga a avaliar (logo, a alterar) o conteúdo das memórias (BOSI, 2007, p. 59).

As observações feitas pela jornalista, ainda na *Nota da autora* dão o tom da necessidade de se relativizar muito do que se vai encontrar nas páginas de sua obra. Há uma simbiose de *buscas e não encontros*, a começar pela reflexão metalinguística da pesquisadora: “Tentei, mas de antemão aviso aos mais incautos: não dá para descrever, em sua totalidade, o sofrimento das vítimas do acidente com o césio-137. Cada palavra aqui digitada é simplória. Ineficiente” (LACERDA, 2007, p. 11).

A autora deixa claro que visa “reconstruir a história a partir dos relatos de quem se encantou ou, de forma não deliberada, acabou se envolvendo com – e pelo – ‘brilho da luz azul’” (idem) e que “Cada capítulo do livro equivale à história de um personagem” (ibidem, p.

12) e ainda que ela apenas dá “publicidade ao que eles pensam, sentem e se recordam sobre setembro de 1987” (ibidem, p. 13). Apesar de tudo isso *Sobreviventes do césio: 20 anos depois*, assim, como outra produção historiográfica não possui um absolutismo imanente.

Nas palavras iniciais a autora afirma que há contradições em depoimentos e que ela optou por valorizar a história das vítimas, uma vez que a ela “não importa como a história foi divulgada pelos órgãos oficiais nos últimos anos” (idem). Detalhes como esses conferem a subjetividade a que temos nos referido à narrativa que se pretende historiográfica. Por isso também, é preciso não sermos rápidos em afirmar que a pesquisa de Carla Lacerda, a respeito do acidente radiológico com o Césio-137, é o resgate da verdade dos fatos.

Por outro lado, quando voltamos aos relatos colhidos pela jornalista, por serem uma evocação de memórias, notamos que podem apresentar apagamentos (voluntários, ou não) e contradições surpreendentes. Isso se dá porque alguém que narra sua própria história, no afã de revivê-la de modo fidedigno, não pode obter êxito, pois o tempo também lhe apresenta os mesmos limites.

Vejamos alguns excertos colhidos pela jornalista:

“Não foi debaixo da cama da Leide, como mostraram” (LACERDA, 2007, p. 38), assim dona Lourdes corrige a versão registrada comumente como verdadeira, a respeito do local em que os grãos de césio foram colocados por seu esposo Ivo. Além de esclarecer que os grãos foram trazidos envoltos em papel de saco de cimento e não em caixa de fósforo. “Não me lembro da data, mas teve um dia que ajudei a minha mãe a limpar a casa (que estava suja com o pó do césio)” (ibidem, p. 43), destaca Lucélia, irmã da menina Leide das Neves. “Acho que perto do ginásio Rio Vermelho, não me lembro” (ibidem, p. 70), afirma dona Maria Gabriela (sogra de Devair) sobre sua ida a um hospital no centro de Goiânia.

Por fim, eis duas situações apresentadas por meio de depoimentos contraditórios e, até o momento, insolúveis pelos historiadores:

‘Fazia o piso quando o Roberto chegou por volta das 7 horas. Disse que tinha achado uma peça de chumbo nas ruínas do antigo Instituto Goiano de Radioterapia (IGR). Me chamou para ir lá ver, ficou me “alugando” até a hora do almoço. Aí, falou uma frase que pareceu um tiro na minha cabeça: “Eu sempre te faço muitos favores e você não me retribui”. Resolvi ir’ (ibidem, p 59).

Esta é a versão de Wagner Mota sobre sua participação na retirada da cápsula contendo

o Césio-137. Comparemos com o que diz Roberto Santos, seu amigo de infância e parceiro nessa empreitada: “O Wagner me chamou lá em casa, com o carrinho de mão, para ir pegar a peça. Ele estava passando necessidade, dormia em um colchão. Eu fui ajudar” (ibidem, p. 65).

A segunda contradição que se percebe diz respeito ao conhecimento, ou não, do acidente por parte das autoridades, ainda no dia 27 de setembro de 1987, domingo de Grande Prêmio de Motovelocidade em Goiânia: “Eu só lembro porque a corrida terminou no domingo, por volta das 18 horas, e a gente chegou no quartel lá pelas 19 horas. Fomos informados que estávamos de prontidão e tinha uma ocorrência para atender” (ibidem, p. 95), afirma o bombeiro Agildo Wagner. Versão que é corroborada por Mário Rodrigues, então assistente técnico do Consórcio Rodoviário Intermunicipal S/A (CRISA): “Nada foi alarmado por causa do GP de Motovelocidade. A imprensa internacional estava aqui e a divulgação do acidente traria também consequências econômicas (queda na exportação de produtos agropecuários)” (ibidem, p. 99). Entretanto, Antônio Faleiros, secretário estadual de saúde na época, afirma que “Isso não aconteceu. Nunca escondemos nenhuma notícia” (ibidem, p.103) e destaca ainda que somente soube do ocorrido no início da tarde do dia 29 de setembro.

Mesmo sem querer alongar em demasia essa reflexão, sobre o quão movediço é recuperar lembranças (ainda mais de 20 anos atrás), podendo oferecer ao pesquisador informações falsas por verdades históricas, cabe evocar aqui algumas considerações sobre o trabalho com a memória.

O historiador e filósofo alemão *Jörn Rüsen*, estabelece a diferença entre lembranças e consciência histórica em *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica, que é oportuna nesse momento. Para o autor “A mera subsistência do passado na memória ainda não é constitutiva da consciência histórica” (RÜSEN, 2001, p. 63), por isso, um lembrança não necessariamente pode ser tomado por verdade, pois como observa o autor, ela é orientada pela “vida prática” (idem).*

Tal reflexão ajuda-nos a entender melhor as contradições nos depoimentos feitos à jornalista Carla Lacerda. Esses choques acontecem, porque, como afirma Jörn Rüsen,

A narrativa histórica rememora o passado sempre com respeito à experiência do tempo presente e, por essa relação com o presente, articula-se diretamente com as expectativas de futuro que se formulam

a partir das intenções e diretrizes do agir humano (ibidem, p. 64, grifos nossos).

Desse modo, percebe-se que muito embora esta pesquisa tenha se fundamentado nos depoimentos de vintes sobreviventes desta catástrofe, a de se considerar que eles já não são os mesmos de 20 anos atrás; suas palavras, seus gestos, seus sentimentos, enfim, as imagens que imergem de seus inconscientes já estão mescladas com um intervalo de duas décadas de eventos históricos e repletas de intencionalidades. Não são mais as mesmas. Por isso, as perguntas retóricas lançadas por Halbwachs: “Como isso não modificaria a idéia que ela [a pessoa que lembra] tem de seu passado? Como as novas noções que ela adquire, noções sobre fatos, reflexões e idéias, não reagiriam sobre suas lembranças?” (HALBWACHS, 2003, p. 91).

Daí porque Ecléa Bosi, ao evocar o sociólogo francês, quanto ao caráter espontâneo da memória ser algo excepcional, chama a atenção para o fato de que:

[...] Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. [...] O simples fato de lembrar o passado, no *presente*, exclui a identidade em termos de ponto de vista (BOSI, 2007, p. 55).

As marcas de subjetividade, inevitavelmente, aparecem. Por mais que vise a objetividade e fidelidade no resgate das memórias, a narrativa que nasce dos depoimentos é tecida como uma releitura de uma narrativa passada. No momento dos depoimentos, percebe-se que ocorre uma seleção de imagens a serem apresentadas em cada resposta ou explicação, tal escolha pode se dar de modo consciente ou inconsciente e tal distinção pode, ou não, ser percebida pela entrevistadora-jornalista, com espírito de historiadora.

Considerações finais

Diante do altíssimo diálogo entre o romance-reportagem de Fernando Pinto e a pesquisa jornalística de Carla Lacerda, pudemos perceber (paradoxalmente), com segurança

historiográfica, informações apresentadas numa narrativa ficcional e, paralelamente, contradições e omissões numa pesquisa histórica. Eis o intercruzamento a que nos referimos ao longo desse trabalho.

Em face disso, e ao final desse percurso, não optaremos por eleger uma narrativa para substituir outra, pelo contrário, vemos como apropriada a valorização das multiplicidades narrativas sobre um mesmo objeto, uma vez que toda análise deve ultrapassar as escamas que tornam um gênero tão distinto do outro, para penetrar no âmago discursivo de cada um deles. É lá, no mais recôndito, que as vozes se encontram amistosamente.

Creemos que, em se tratando de interdisciplinaridade, a noção mais nítida na recuperação de memórias não ocorre pelo eco de um discurso solitário (ainda que científico), mas sim pela confluência de narrativas que apresenta o homem em sua historicidade e complexidade cultural. Sabemos que não apenas a história é capaz (ou responsável) por perscrutar essas sendas.

Referências

BARRETO, Junia Regina de Faria. *Literatura e História: crime e pena capital no século 19. Aletria: Revista de Estudos de Literatura* – v. 20, n. 3, 2010. Disponível em: www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1546/1643. Acesso em: 04/09/2013.

BIANCHIN, Neila T. Roso. *Romance-reportagem: onde a semelhança não é mera coincidência*. Florianópolis: UFSC, 1997.

BOSI, Alfredo. Debatedores: Alfredo Bosi e José Carlos Sebe Bom Meihy. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolf de (Org.). *Literatura e história na América Latina*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Schwarcz. Ltda, 2007.

CANDIDO, Antonio *et al.* *A personagem de ficção*. São Pulo: Perspectiva, 1987.

_____. *Literatura e sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes e Consuelo Fortes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

COSSON, Rildon. *Romance-reportagem: o gênero*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FORSTER, Edward Morgan. *Aspectos do romance*. Trad. Sergio Alcides. 4 ed. São Paulo: Globo, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. 2 ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

LACERDA, Carla. *Sobreviventes do Césio-137: 20 anos depois*. Goiânia: Contato Comunicação, 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Notícias do fantástico – jogos de linguagem na comunicação jornalística*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

_____. *A análise Pragmática da Narrativa Jornalística*. Portcom: Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação (Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação), 2005. Disponível em: <http://www2.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=43427>. Acesso em: 05/12/2013.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. *Estética da catástrofe: cultura e sensibilidades*. Goiânia: UCG, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Trad. Estevão Chaves de Rezende. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

